

## **Maoísmo e classe operária, um paradoxo irresolúvel? A abordagem da problemática a partir dos Partidos maoístas na Argentina**

**Brenda Rugar<sup>1</sup>**

### **1-**

Vanguardia Comunista (VC) foi o primeiro em se conformar como partido e adotar o maoísmo. Surgido do Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSAV) que tinha se criado no ano 1961 do PSA pelas críticas que fez à direção pelo tratamento ao peronismo e o apoio ao Golpe de 1955, rapidamente encontrou os limites em um grupo que tinha se conformado basicamente pela oposição à direção anterior. Segundo Elías Semán (um dos três principais dirigentes de VC),

*El viejo PSAV constituyó el intento de conciliar el marxismo-leninismo con el populismo. La dirección (...), resolvió la contradicción a partir de la crisis partidaria, renunciando al marxismo-leninismo. (...) Hace un año el PSAV (...) incurrió en el seguidismo abierto del peronismo. (SEMÁN:1964;51)<sup>2</sup>*

Evidentemente, a necessidade de “virar” à classe trabalhadora peronista, se confundiu com o chamado “entrismo”, como se denominou à prática de se inserir no Partido Justicialista ou nos agrupamentos que este fazia, sem nenhuma intenção de disputar a linha política deles.

A crise se manifestou em 1963 e no ano 1965, mais precisamente em abril, um grupo de alguns poucos militantes começaram o caminho de formação de uma nova organização. “Vanguardia Comunista fue inicialmente un círculo de propaganda de ideas revolucionarias, integrado mayoritariamente por estudiantes y profesionales”, segundo o militante Américo Soto (SOTO, 2004, s/d). Nesse sentido, na preocupação de discutir algumas teses vigentes e de se definir como unidade, publicaram três escritos que balizaram as primeiras definições teórico-ideológicas: “Derrotamos al Revisionismo”, “El Partido Marxista Leninista y el Guerrillerismo” y “Denunciamos el falso comunismo de Codovilla”(recopilação de artigos), todos eles escritos entre 1964 e 1965.

Nestes, ainda não constituídos como partido, eles fazem uma série de definições. A primeira delas, a necessidade de continuar a tradição marxista leninista. Por isso, adotam a ideia de formar um partido, coisa que desenvolveram os próximos anos, com a conformação das direções, as

<sup>1</sup> Mestranda UFF (CAPES) e Doutoranda UBA (CONICET/UNQ)

<sup>2</sup> Considerando que o espanhol não apresenta sérias dificuldades para o leitor do português, as citações serão mantidas em espanhol para não alterar o significado.

células, a continuidade da publicação do jornal No Transar (dirigido por Elias Semán, quando ainda fazia parte do PSAV), a criação das zonas ou regionais, e a chamada “proletarização” dos quadros.

Embora tenham saído do PSA, eles se reconheceram como herdeiros da tradição que em algum momento soube ter o PCA. “En la Argentina fueron los mejores militantes del movimiento obrero los que se reunieron en el Partido Comunista” (AAVV, 1965,s/d) e que, como parte da luta internacional contra o “revisionismo”<sup>3</sup>, eles deviam recuperar. Nesse sentido, nos documentos “Derrotemos al revisionismo” e “Denunciamos el falso comunismo de Codovilla” lemos

*Nosotros rendimos homenaje a los fundadores de ese partido; a los hombres que difundieron la ideología del leninismo en la clase obrera argentina; que fueron fieles al internacionalismo proletario; que se opusieron a las desviaciones del movimiento comunista internacional; que combatieron el reformismo socialdemócrata (...)(AAVV, 1965,s/d)*

*(...)El Partido Comunista Argentino, que hace mucho tiempo -más allá de la actual polémica en el movimiento comunista internacional- sigue una línea errónea desvinculada de los intereses de la clase obrera para intentar subordinarlos a los de la burguesía, ha abandonado definitivamente el único instrumento capaz de posibilitar una rectificación. En efecto, la dirección del PCA, al adherir al revisionismo contemporáneo y renunciar a las enseñanzas de la historia del movimiento comunista internacional conducido por Marx, Lenin y Stalin, negados hoy por el revisionismo, renuncia a la herramienta teórica que le permitiría rectificar sus errores para señalar el rumbo a la clase obrera y se integra a una política contrarrevolucionaria a nivel nacional e internacional. (...)Si el revisionismo en general es la política que favorece al imperialismo en las filas obreras, el caso del Partido Comunista de la Argentina es la más grosera de las caricaturas de la política revisionista. Este Partido divorciado de las masas y de la clase obrera, realizando ingentes esfuerzos para ser aceptado a la cola de la última manifestación de progresismo de la burguesía, que su espejismo le permite vislumbrar, es la manifestación más consecuente del revisionismo y la traición a la clase obrera (AAVV, 1964,s/d)*

Retomando os debates e as tarefas que desenvolvimos mais em cima, o dia 5 de abril de 1965 esse grupo que se propunha a reconstrução do marxismo leninismo na Argentina adotou o nome de Vanguardia Comunista.

Como parte das críticas que tinham feito ao PSA primeiro e ao PSAV depois (entre a oposição por direita ao peronismo e o “entrismo”), e mesmo no contexto da polémica entre o Partido Comunista da Russia e o Partido Comunista da China, os criadores de VC definiram a necessidade de retornar à luta revolucionaria (entendida como a via armada). Entendemos que ao

---

<sup>3</sup> Termo usado principalmente na esquerda para criticar e acusar a quem abandona ou abre mão do caminho da revolução

menos dois foram os acontecimentos que ajudaram para algumas dessas definições. Por um lado, a situação de conflito no próprio país. Embora não estivesse no pico da luta, desde a ocupação do frigorífico Lisandro de La Torre em 1959 e as ocupações generalizadas dos anos 1963 e 1964, o panorama para a classe operária se mostrava como de confronto crescente. Por outro lado, o contexto internacional desses anos estimulava a luta armada. Nós referimos principalmente ao triunfo da Revolução Cubana, que entusiasmou aos jovens da época e mostrou para o mundo que o socialismo era possível, até mesmo na frente dos Estados Unidos. Elías Semán tinha viajado a Cuba para se aperfeiçoar na sua formação (sobre tudo militar) e ao regresso dele, as influências fizeram se sentir ao interior da organização. Sobre qual foi o tipo de repercussão existem divergências: por um lado, Semán publicou em 1964 “El Partido Marxista Leninista y el guerrillerismo”, um folheto onde avança na disputa com outras correntes e em este caso o faz com os “antirevisionistas” que caem no “izquierdismo”. Entre eles estariam os “guerrilheristas”, termo depreciativo usado para aqueles que só “exaltan uma técnica”, “son aventureros” y “escinden los elementos objetivos y subjetivos para hacer una revolución (...) negando la teoría leninista del Partido” (SEMÁN, 1964). Porém, em escritos mais recentes dos Partidos que ainda disputam o legado de VC, se fala que o debate não estava saldado (voltaremos logo sobre esse ponto). Reconhecem que embora as críticas ao foquismo, o partido não conseguiu fazer nada alternativo.

Outra definição importantíssima (e ligada à anterior) do período 1965-1968 vai ser a adoção do maoísmo como suporte político ideológico. Já mencionamos a existência de um debate entre o PCUS e o PCCh. Na verdade, no começo dos anos 60s este último acusou ao primeiro de ter revisado os princípios do marxismo leninismo e ter virado “revisionista”, abrindo uma crise que atravessou o período e atingiu todos os partidos comunistas do mundo e a esquerda em geral, como vimos anteriormente. Tomando posição quase desde o início, VC dirá que “al incorporarnos a la lucha mundial contra el revisionismo ubicando el papel conductor del Partido Comunista Chino, reafirmamos la necesidad de constituir el destacamento organizado de la clase obrera, su vanguardia, su Partido”(AAVV, 1964, s/d).

No ano 1966 viajou à China a primeira delegação oficial, estreitando os laços. O PCCh reconheceu VC como interlocutor válido na Argentina. Aí o partido adotou várias premissas que

guiaram a experiência dos chineses: a guerra popular prolongada, os métodos da revolução nos países dependentes, a necessidade de um Frente Único de todas as classes e sectores sociais interessadas na revolução que de um Exército Popular, ambos chefiados pelo Partido (AAVV, 1969, 10). Mas a adoção mais importante foi aquela de que a revolução era do campo à cidade, e é aí que adotaram em parte a ideia do foco. O partido resolveu que muitos militantes abandonassem as universidades, as suas profissões, etc. e fossem para o campo. Definiram que o centro do trabalho seria na Província de Jujuy (que limita com a Bolívia e onde o “Che” estava desenvolvendo a sua guerrilha), entretanto também enviaram pessoas a Chaco, Córdoba e Tucumán.

## 2-

O Partido Comunista Revolucionario (PCR) se conformou produto da maior ruptura do Partido Comunista Argentino no século XX. Uns 4000 militantes principalmente da Federación Juvenil Comunista (FJC) e o Partido resolveram ao início de 1968 e depois de vários meses de intenso conflito interno, se constituírem como Comité Nacional de Recuperación Revolucionaria del Partido Comunista Argentino (CNRR). A través dele tentavam tensar e aprofundar os debates políticos dentro do PCA. A última crise explodiu circa 1966, quando aconteceu o Golpe de Estado de Juan Carlos Onganía e um grupo acusou à direção do Partido de ter não só embelecido o governo do radical<sup>4</sup> Arturo Illia (1963-66), senão também de ter feito um jogo político com as direções sindicais traidoras que favoreceram o Golpe. Em 1967, Otto Vargas (grande dirigente do PCA e depois eleito Secretário Geral do PCR até hoje) escrevia:

*¡Considero que los errores señalados son manifestaciones de una deformación oportunista que, si bien no cree capacitada a la burguesía nacional para dirigir y realizar las transformaciones revolucionarias agrarias y antiimperialistas, cree, por diversas razones, que sólo esa burguesía será capaz de iniciar el proceso revolucionario en el país (resaltado original no texto)” (VARGAS, 1967:69)*

A primeira Declaração que fizeram como CNRR (janeiro de 1968) também acusa ao PC de ter abandonado “as bandeiras” que levantaram em 1918 quando, ao calor da Revolução de Outubro, se afastaram do reformismo do Partido Socialista Argentino e criaram o PCA:

*Nuestro Partido tiene 50 años de lucha donde se forjaron millares de combatientes y héroes que han escrito páginas gloriosas de la historia del movimiento obrero y*

---

<sup>4</sup> Radical neste caso significa membro da UCR (Unión Cívica Radical), partido da burguesia.

*popular; ha difundido el marxismo leninismo y las realizaciones de la URSS y los países socialistas; en diferentes momentos ayudó a nuestra clase obrera y a nuestro pueblo a cumplir con sus deberes de solidaridad internacional, uniendo la bandera del internacionalismo proletario a la bandera del auténtico patriotismo; ha analizado el carácter y la etapa de la revolución en nuestro país.*

*Los méritos señalados no pueden ocultar concepciones y una práctica que determinaron que nuestro Partido no juegue el papel que le asigna una tesis cardinal del leninismo: dirigir a la clase obrera para que juegue su rol de vanguardia en la lucha por la transformación revolucionaria de la sociedad. (...)” (PCR, 2003: 90)*

*“(...) asumimos ante el conjunto del Partido Comunista, de la clase obrera y el Pueblo, el fin de salvar al partido para la revolución, la responsabilidad histórica de reconstruir la línea y restablecer los métodos leninistas. Para ello, organismos y militantes del PC de la provincia de Buenos Aires, Capital Federal, Santa Fe, Tucumán, Mendoza, Córdoba y Corrientes, reunidos el 5 de enero de 1968 (...) nos constituimos en CNRRPCA” (PCR, 2003: 100)*

No mesmo texto mais na frente, voltam sobre o problema do Partido para tratar a força política que tinha criado Perón:

*“Por qué en más de veinte años de existencia del peronismo, el Partido no logró ganar para las ideas del socialismo a una cantidad importante de masas influenciadas por el mismo, y por qué no logró desprender un sector con el cual pudiera estructurar una alianza política a largo plazo?” (PCR, 2003: 91)*

Ainda em outubro de 1968, elaboraram um texto preparatório para o XIII Congresso do PCA<sup>5</sup> que afirmou o caminho que pensavam seguir e que sentou as bases e definições com as que se constituíram em PCR, nome adotado em março de 1969. Uma das principais definições tem que ver com a reafirmação da via armada para a revolução, enquanto acusavam ao PCA de apostar pela via pacífica. Mas dentro das opções aclararam que:

*“elegimos como estrategia de la lucha armada en nuestro país la insurrección, porque es la que permite mejor al proletariado hegemonizar la revolución y llevarla al socialismo. Dado el carácter de la revolución se trata de una insurrección armada de todo el pueblo hegemonizada por el proletariado. (...)” ((PCR, 2003: 151)*

*“Difundiendo en profundidad nuestra estrategia, corresponde también luchar ideológicamente contra:*

*a-el foquismo, que desenmarca la lucha armada de la lucha de clases, pretendiendo suplantar al Partido por el foco guerrillero. En las condiciones de nuestro país, esto supone subordinar al proletariado a capas no proletarias.*

*b-las ideas que atribuyen el rol principal al campesinado y formulan entonces como estrategia fundamental la guerra prolongada en el campo. (...) Esta estrategia es justa para otros países donde lo fundamental es el campesinado*

*c- e terrorismo como estrategia, que no permite la incorporación de las masas a la lucha armada ni resuelve la destrucción del aparato estatal burgués” (PCR, 2003: 153)*

<sup>5</sup> Lembremos que ainda tentavam disputar dentro daquela organização

Desse jeito, se afirmam conjuntamente o caminho insurrecional e a hegemonia proletária ao mesmo tempo que discutem com outras concepções que tinham peso no movimento popular argentino daquele momento: o terrorismo urbano e rural y a ideia de que os camponeses eram o destacamento fundamental da revolução, dando lugar ao desenvolvimento de “focos” guerrilheiros no interior do país. Mesmo assim, deixam aberta a possibilidade desse caminho para outros países.

No mesmo documento, embora reconheçam o debate dentro do Movimento Comunista Internacional, dizem que “se han desarrollado tendencias y prácticas ajenas al marxismo-leninismo; dogmáticas, divisionistas, nacionalistas y oportunista de izquierda, que tienen su expresión más acabada en la línea actual del Partido Comunista de China” (PCR, 2003: 142). Ou seja, neste momento eles vão se posicionar em contra do Mao.

### 3-

Em junho de 1966, Juan Carlos Onganía inaugurava o quinto golpe de Estado na Argentina. Com ele, avançava a determinação das classes dominantes de “modernizar” o país e acabar com a crise política e social aberta com o derrocamento do Perón em 1955. Frente ao sucesso se manifestaram diferentes posições. Perón desde o exílio falou de “desensillar hasta que aclare”<sup>6</sup>, gerando algum tipo de expectativa em alguns setores da população. O peronismo era ainda a força principal no movimento operário, mas não era homogêneo: teve alguns dirigentes que participaram e/ou colaboraram com a ditadura, mas também existiram e se manifestaram correntes que se radicalizaram. Existiam além outras tendências como os “radicales”, os socialistas, os militantes independentes, e uma esquerda marxista que foi se radicalizando até a conformação e ressurgimento de correntes classistas no movimento operário.

VC tinha feito a segunda viagem à China em 1968. Em elaborações posteriores, alguns dos militantes disseram que “Las opiniones de los camaradas chinos sobre el trabajo de masas nos ayudaron a corregir una incipiente desviación militarista rural que se estaba incubando en VC.”(AAVV, 1995, s/d). A partir daí, se concentraram em reforçar a construção de Partido e viraram ao trabalho entre o proletariado (todavia principalmente nas áreas rurais porque

---

<sup>6</sup> É uma metáfora. Quem cavalga de noite, desce do cavalo (“desensilla”) e descansa até ter luz e ver o caminho.

continuava a ideia da revolução do campo à cidade). O militante Jorge Weisz foi para Jujuy no norte da Argentina a trabalhar como electricista no engenho Ledesma (propriedade da oligárquica família Blaquier), Rubén Kristkausky foi para Córdoba para seguir politicamente os contatos que tinham com os trabalhadores da IME-Fábrica Militar de Aviação, e Elías Semán foi para uma localidade perto de Rosario, onde ficava o grande frigorífico norte-americano Swift. Porém, no Documento Preparatório para o seu Primeiro Congresso<sup>7</sup>, coagula de um jeito bastante forte aquela ideia sobre que deviam “preparar e iniciar la guerra popular que se desarrollará desde el campo para rodear y finalmente tomar las ciudades” (AAVV, 1969, 5). Sobre o tema vão voltar varias vezes no texto, manifestando uma forte orientação política. Consequentemente tinham uma grande preocupação por ganhar aos camponeses. Assim, chegaram afirmar que

*el crecimiento del partido en el proletariado industrial va possibilitando el envío de cada vez más importantes contingentes de cuadros proletarios para desarrollar el trabajo revolucionario entre los campesinos. (AAVV, 1969, 21).*

Encontramos uma tensão entre a definição do centro do trabalho entre o proletariado e o caminho revolucionário do campo à cidade. Eles a resolveram falando do trabalho entre o proletariado rural, mas para esse momento o principal do proletariado se concentrava nas principais cidades do país (onde eles também tinham enviado dirigentes).

No entanto a definição da hegemonía proletária e a via insurreccional, no “Documento preparatorio de la conferencia permanente del PCR”, reconhecem que ainda devem encontrar a forma de “resolver la contradicción existente entre la necesidad fundamental de *penetración en la clase de un Partido cuyos miembros en lo fundamental provienen de la pequeña burguesía, del estudiantado (...)*” (PCR, 2003: 246). Há pouco tempo conformados como Partido e a composição não se corresponde com os objetivos declarados. Otto Vargas diz que dos 4000 iniciais quedavam uns 700 e que decidiram reorganizar o Partido em base à proletarização (ANDRADE, 2005, 39). Foi Gody Álvarez o militante designado para armar o Partido em Córdoba, onde a concentração industrial tinha se multiplicado no último tempo ao calor da indústria automobilística.

---

<sup>7</sup> Publicado em janeiro de 1969, a versão original data de outubro de 1968. Ainda pensavam em se chamar Partido Comunista Revolucionario, nome que colocou antes o grupo que vinha do PC

1969 foi um ponto de inflexão para a luta do povo argentino. Já nos anos anteriores, conforme avançavam os planos “racionalizadores” da auto titulada “Revolución Argentina”, os estudantes e os sindicatos tinham ido colocando-se na oposição, gerando-se um amplo arco opositor. Maio de 1969 foi um mês quente demais, mas não pela temperatura no outono argentino. Muitas das coisas que já iam se manifestando, se condensaram dando lugar a um salto qualitativo na luta sindical e política. Corrientes e Rosario foram os primeiros cenários, mas foi em Córdoba onde aconteceu o mais importante levantamento que foi chamado “Cordobazo”. O que aconteceu nesses dias marcou os anos seguintes. Embora tenham participado ativamente das jornadas, nenhum dos Partidos estudados o dirigiu (e claro, também não tinham as condições). O acontecimento permitiu reafirmar ou corrigir questões da linha política, só que exigia que se fizesse bem rápido para não perder oportunidades, já que a Argentina que emergiu daí deu a possibilidade às tendências mais diversas para se medirem e disputarem o fértil campo da luta popular nesses dias. O “Cordobazo” desconcertou a VC, que adiou o Congresso até 1971.

Segundo o PCR, a partir de allí

*VC debió reacomodar su línea. Realizaron entonces una campaña de “rectificación” para corregir los errores más groseros de la aplicación mecánica de la experiencia china a la argentina, que los había llevado a expresar que “la sociedad argentina era una sociedad semicolonial y semifeudal; que el campesinado era la fuerza fundamental de la revolución (...)” (PCR, 2005: 113).*

Porém, vários militantes do Partido participaram da recuperação dos sindicatos da FIAT<sup>8</sup>, luta que balizou ao proletariado cordobés e da Argentina toda.

Para o PCR, evidentemente ainda com debates de linha internos, “fue el cordobazo el que facilitó el triunfo una línea marxista-leninista en el PCR” (PCR, 2005: 113). Eles já tinham começado um trabalho em Córdoba entre os operários da indústria automotriz e a partir da radicalização de massas e um trabalho político mais pontual, foram ganhando delegados nas fábricas até armar uma lista (junto com outras forças políticas) para o sindicato provincial do proletariado

---

<sup>8</sup> Resulta interessante nessa experiência observar que o mecanismo acordado pela empresa e o governo de Illia para que investissem no país (sindicato por fábrica e não sindicato único, para evitar o acontecido na FIAT nos anos 20s na Itália de Gramsci), foi pelo contrario aproveitado pelos trabalhadores para se organizarem mais rapidamente e impor uma direção deles, mais democrática. Participaram foras principalmente trotkistas, militantes independentes e também VC. (RUPAR, 2014: 160) Para aprofundar sobre SITRAC e SITRAM, remetimos aos trabalhos FLORES (1994), BRENNAN, J y GORDILLO, M(2008), DUVAL, N, (1988) ; POZZI, P y SCHNEIDER, A, (2000).



Automotriz (SMATA). A lista ganhou em 1972 e novamente em 1974 e foi expressão de um novo tipo de política e um novo tipo de sindicalismo<sup>9</sup>.

Em paralelo, o PCR ia se aproximando às posições sostidas pelo PCCh no enfrentamiento com o PCUS. No IIº Congresso, em 1972, já denunciavam o cambio da natureza social da URSS e reconhecem na China o mais avançado na luta contra o imperialismo e o revisionismo (também falam das outras oposições: o Che, o Maio Francês e Tchecoslováquia e Polônia (PCR, 2005: 158; 247). Ao mesmo tempo, sinalam que “mantenemos con los camaradas chinos diferencias con distintas formulaciones del PC china respecto de la contradicción fundamental de la época, que estimamos contradictorias con su propia política internacional (..); respecto a de la valoración de (...)Stalin (...)” (PCR, 2005: 162)

No Programa finalmente aprovado nesse Congresso deixam asentada su estratégia revolucionária, reafirmando que “el eje fundamental -insurreccional- deberá ser complementado por las luchas guerrilleras rurales en aquellos lugares en que la estructura socioeconómica lo indique como necesario”<sup>10</sup> (PCR, 2005: 278)

#### 4-

É interessante notar as diferenças e similitudes de como chegaram as duas organizações ao maoísmo e o que implicou. Ambos partidos tinham se conformado com a grande preocupação de como dirigir o movimento operário argentino (e ganha-lo para o caminho revolucionário), o que significava também tomar definições com respeito ao peronismo.

No caso do VC, este adotou o maoísmo desde a sua conformação. Porém, como temos visto, muitas das suas definições sofreram modificações conforme eles iam conhecendo e se envolvendo mais profundamente no movimento operário e popular do país. De uma adoção mecânica e acrítica da experiência da Revolução Chinesa passaram, em diálogo com o PCCh, a uma interpretação que partindo da realidade da Argentina e a forma que adota a luta de classes lá, usasse o acervo do marxismo-leninismo-maoísmo para o análise e ação. Assim, vimos que de um início onde eles organizaram a sua disposição de forças conforme a uma revolução planejada do

---

<sup>9</sup> Para aprofundar sobre o classismo dos anos 70 na Argentina, remetimos aos trabalhos de DUVAL (1988) e GORDILLO (1996)

<sup>10</sup> É mester sinalar que este Partido teve influencia nas Ligas Agrarias conformadas no interior da Argentina naqueles anos.

campo às cidades, viraram a dispor o principal da sua força e quadros políticos nas principais áreas urbanas e centros de concentração do proletariado industrial. Em 1970, escreveram que os erros foram devido a que quiseram fazer coincidir as características da revolução na Argentina com às da China, que acabou com uma má caracterização do país y do caminho revolucionário, perdendo tempo importante demais (AAVV, 1970).

Em relação ao peronismo, em 1969, no documento preparatório do I Congresso, avançam numa caracterização da qual o seguinte extrato resulta bastante ilustrativa:

*La lucha contra esta influencia ideológica, política y práctica de la burguesía nacional peronista sobre las mayorías obreras, es la terea más importante [destacado da autora] que los comunistas revolucionarios debernos efectuar en la lucha por la elevación de la conciencia política del proletariado al nivel del marxismo-leninismo-pensamiento de Mao Tse-tung. (AAVV, 1969, 8).*

Pode se entrever nessas líneas que o peronismo era considerado uma trava, uma espécie de “falsa consciência” no proletariado argentino e que a *principal* tarefa era lutar contra aquela situação. Por outro lado, o PCR fez um caminho diferente. Embora tivessem muita simpatia pela Revolução Cubana e o Che Guevara (que poderia tê-los orientado ao foco como aconteceu com outras organizações), desde um início definiram a via insurrecional nas cidades e dispuseram as forças nesse sentido. A militância nas fábricas os contactou de imediato com os operários peronistas e foi assim que cedo começaram a refletir sobre o tratamento que deviam dar a essa corrente política. O triunfo da lista Marrón no SMATA Córdoba só foi possível em aliança com um setor deles.<sup>11</sup> Foi depois disso que eles abraçaram o maoísmo, achando que tinha muita vinculação com o que já estavam fazendo e que lhes permitia se enriquecer teórica e politicamente.

Os militantes mais velhos, que vinham do PC, inicialmente traziam com eles as posições oficiais daquele Partido sobre o assunto. Os membros da FJC já tinham sentido simpatias e colocado a cara do Mao no portal da revista que publicavam, o que trouxe um grande debate. Com a ruptura, foram conhecendo e se aproximando às críticas à URSS. Segundo eles, foi o próprio Elías Semán quem os contactou com o PCCh, a onde viajaram por primeira vez em 1972 (ANDRADE, 2005:47). Finalmente, no ano 1974, no III Congresso, avaliaram o maoismo como

---

<sup>11</sup> Para aprofundar no processo, ver VOLKIND ET AL (2008). O tratamento deste aspecto fica para outro trabalho. Existe um debate na historiografia sobre este tema. Autores como Mónica Gordillo e James Brennan argumentam que não existiu direção política se não que os operários votaram por eles porque eram dirigentes honestos.

parte constituinte da sua linha. Mesmo assim, os vínculos com o PCCh sempre foram bilaterais, o que significa que VC e o PCR se reuniam separadamente a discutir com eles.

Ambos partidos tiveram frentes de trabalho conjunto e até discutiram a possibilidade de se unificarem, mas as posições frente à conjuntura política do país e o que tomavam ou não do maoísmo<sup>12</sup> foram os afastando sobre tudo a partir de 1974 (ANDRADE, 2005:51-52).

Até aqui analisamos como se gestaram os maiores Partidos maoístas da Argentina dos anos sessenta e setenta, no qual momento tinham abraçado o maoísmo e em função de qual análise da realidade argentina. Mas até aqui apresentados, agora fica pendente voltar à pergunta sobre se é possível se reconhecer maoísta e postular ao mesmo tempo a via insurrecional e a hegemonia proletária.

### **5- Maoísmo e classe operária**

A Revolução Chinesa foi a primeira revolução que foi ao socialismo num país semi-colonial e semi-feudal. O 80% da população era camponesa e morava nas áreas rurais. Os poucos centros e áreas industriais e comerciais estavam em mãos diretamente estrangeiras com apoio de uma parte da burguesia local. Nessas condições Mao escreveu em 1939, que

*En estas circunstancias, la desigualdad del desarrollo económico de China (ausencia de una economía capitalista unificada), la inmensidad de su territorio (que proporciona a las fuerzas revolucionarias espacio para maniobrar), la desunión del campo contrarrevolucionario y las contradicciones de todo género que en él abundan, y el hecho de que la lucha de los campesinos, contingente principal de la revolución china, esté dirigida por el partido del proletariado, el Partido Comunista, todo esto, por un lado, hace posible que la revolución china triunfe primero en las zonas rurales, y, por el otro, determina la desigualdad del desarrollo de la revolución y hace necesaria una lucha prolongada y ardua para lograr la victoria total. De este modo, resulta claro que la larga lucha revolucionaria sostenida desde dichas bases de apoyo revolucionarias constituye, en lo fundamental, una guerra de guerrillas de los campesinos dirigida por el Partido Comunista de China. Por eso, es erróneo desatender la utilización de las zonas rurales como bases de apoyo revolucionarias, el trabajo arduo entre los campesinos y la guerra de guerrillas. (MAO TSE TUNG, 1939 83-84)*

Este primeiro apartado afirma duas coisas. Por um lado, reafirma o caminho que já estavam levando à prática na China: do campo às cidades a través da guerra de guerrilhas. Até aí, nada novo já que assim foi nesse país. Porém, tendo colocado a problemática que queremos tratar, achamos interessante trazer reflexões de um ano antes (ou seja, 1938):

---

<sup>12</sup> Por exemplo, não vão coincidir em se existiam ou não representantes da URSS “socialimperialista” na Argentina.

*La tarea central y la forma más alta de toda revolución es la toma del Poder por medio de la lucha armada, es decir, la solución del problema por medio de la guerra. Este revolucionario principio marxista-leninista tiene validez universal, tanto en China como en los demás países.*

*No obstante, ateniéndose al mismo principio, el partido del proletariado lo aplica de distinta forma según las distintas condiciones. En los países capitalistas, cuando éstos no son fascistas ni están en guerra (...) **la cuestión es sostener una larga lucha legal, utilizar el parlamento como tribuna, recurrir a las huelgas económicas y políticas, organizar sindicatos y educar a los obreros.** Allí las formas de organización son legales, y las formas de lucha, incruentas (no de guerra). (...) Pero mientras la burguesía no esté realmente reducida a la impotencia, mientras la mayoría del proletariado no esté decidida a emprender el levantamiento armado y la guerra civil, y mientras las masas campesinas no estén dispuestas a ayudar voluntariamente al proletariado, este levantamiento y esta guerra no deben realizarse. **Además, llegado el momento de iniciar tales acciones, el primer paso será ocupar las ciudades y después avanzar sobre el campo, y no al revés.** Todo esto es la manera como han actuado los Partidos Comunistas de los países capitalistas, y la Revolución de Octubre en Rusia ha confirmado su justeza.*

***El caso de China es diferente.** La particularidad de China es que no es un país independiente y democrático, sino semicolonial y semifeudal, donde no hay democracia, sino opresión feudal, y que en sus relaciones exteriores no goza de independencia nacional, sino que sufre la opresión imperialista. Por lo tanto, no tenemos parlamento que utilizar, ni derecho legal de organizar a los obreros para realizar huelgas. **Aquí la tarea fundamental del Partido Comunista no consiste en pasar por un largo período de lucha legal antes de emprender el levantamiento y la guerra, ni en apoderarse primero de las ciudades y luego ocupar el campo, sino en todo lo contrario.** [Todo o ressaltado desta citação são da autora] (MAO TSE TUNG, 1938: 129-131)*

Entendemos que no extrato se mostra um Mao que está pensando nas revoluções ao mesmo tempo em geral e em particular. Chama à atenção a análise que faz das diferentes estratégias para cumprir com a tarefa de “conquistar o poder”, segundo o país no que se queira fazê-lo. Em condições normais, sinala que nos países capitalistas a acumulação de forças deve ser a partir do uso das ferramentas legais e da greve operária e que uma vez dada a correlação de forças para o assalto do poder pela via armada [via que para ele fica fora da discussão], esta vai ser desde as cidades ao campo.

Por outro lado e voltando a primeira citação do apartado, quisermos nos deter numa outra parte. Afirma “(...) los campesinos, *contingente principal* de la revolución china, esté *dirigida* por el partido del proletariado (...) [cursiva da autora]”. Note-se a diferença que existe entre *contingente principal* e *dirigida*. Na teoria da revolução na China desenvolvida por Mao, se fala de *Forças Motrizes* e *Força Diretriz*. Com a primeira, se refere a “todas las clases [sociales] y capas que puedan participar en la revolución” (MAO TSE TUNG, 1939:96). Partindo da caracterização da

China como país semi colonial e semi feudal, vai sintetizar que a revolução é por etapas, começando pela *Revolução da Nova Democracia*

*Todo comunista tiene que saber que, tomado en su conjunto, el movimiento revolucionario chino dirigido por el Partido Comunista de China abarca dos etapas: la revolución democrática y la socialista. Se trata de dos procesos revolucionarios cualitativamente distintos, y sólo después de consumado el primero se puede pasar al cumplimiento del segundo. (MAO TSE TUNG, 1939: 103)*

*En lo político, se propone implantar la dictadura conjunta de las diversas clases revolucionarias contra los imperialistas, los colaboracionistas y los reaccionarios, y se opone a la transformación de la sociedad china en una sociedad de dictadura burguesa. En lo económico, tiene como propósito nacionalizar el gran capital y las grandes empresas de los imperialistas, los colaboracionistas y los reaccionarios, y distribuir la tierra de la clase terrateniente entre los campesinos; junto con ello, conservará las empresas capitalistas privadas en general y no eliminará la economía de campesino rico. Así, esta revolución democrática de nuevo tipo, aunque por un lado desbroza el camino para el capitalismo, por el otro crea las premisas para el socialismo. La presente etapa de la revolución china es una etapa de transición cuyo objetivo consiste en poner fin a la sociedad colonial, semicolonial y semifeudal y preparar las condiciones para la edificación de la sociedad socialista, o sea, es el proceso de una revolución de nueva democracia. (MAO TSE TUNG, 1939: 97)*

Ou seja, que todas as classes e capas sociais exploradas e oprimidas eram parte do campo revolucionário, das *Forças Motrizes*. Os camponeses, pela sua presença na formação económico social china, seriam o contingente principal.

Mas o que dizer da *Força Diretriz* no proletariado? Mao, insiríéndose na tradição marxista-leninista, escreveu alguns meses antes da revolução do 1 de outubro que “ en la época del imperialismo, ninguna otra clase [se refiere a la clase obrera) *en ningún país* puede conducir una verdadera revolución a la victoria” (MAO TSE TUNG, 1949: 122) porque “El objetivo final por el cual luchan todos los comunistas es la instauración definitiva de la sociedad socialista y de la comunista. Sólo comprendiendo tanto las diferencias como las interconexiones entre la revolución democrática y la revolución socialista, podremos dirigir correctamente la revolución china” (MAO TSE TUNG, 1939: 103). Daí o rol do proletariado para guía-la até o objetivo final. Segundo ele, “La revolución de nueva democracia es muy diferente de las revoluciones democráticas que tuvieron lugar en los países de Europa y Norteamérica; no conduce a la dictadura de la burguesía, sino a la dictadura de frente único de las diversas clases revolucionarias bajo la dirección del proletariado (...) Algunos militantes políticamente inmaduros piensan que nuestra tarea se limita a la actual revolución democrática y no incluye la

futura revolución socialista, o creen que la presente revolución o la revolución agraria son ya la revolución socialista. Hay que subrayar que estos puntos de vista son erróneos..” (MAO TSE TUNG, 1939: 97-98, 103).

Evidentemente, também ainda antes do triunfo existia na China o debate e a pergunta de como doze milhões de assalariados e três milhões de proletários industriais iam fazer para conduzir a mais do 80% da população chinesa. Encontramos neste apartado argumentos expostos pelo Mao sobre o proletariado chinês:

*Aparte de las cualidades fundamentales que caracterizan al proletariado en general - ligazón con la forma de economía más avanzada, fuerte sentido de organización y de disciplina, y carencia de medios de producción privados-, el proletariado chino posee otras muchas cualidades destacadas.*

*¿Cuáles son?*

*Primera, el proletariado chino es más resuelto y consecuente en la lucha revolucionaria que ninguna otra clase, porque sufre una triple opresión (la del imperialismo, la burguesía y las fuerzas feudales), cuya intensidad y crueldad raramente se observa en otras naciones del mundo. Dado que en la China colonial y semicolonial no existe, como en Europa, base económica para el socialreformismo, el proletariado en su conjunto, salvo unos pocos vendeobrerros, es la clase más revolucionaria.*

*Segunda, desde su aparición en el escenario de la revolución, el proletariado chino ha sido dirigido por su propio partido revolucionario, el Partido Comunista de China, y ha llegado a ser la clase políticamente más consciente de la sociedad china.*

*Tercera, como el proletariado chino, por su origen, está formado en su mayoría por campesinos arruinados, tiene vínculos naturales con las grandes masas campesinas, lo cual le facilita formar una estrecha alianza con ellas.*

*Por lo tanto, a pesar de ciertas debilidades inevitables, como por ejemplo su número relativamente pequeño (en comparación con el campesinado), su relativa juventud (en comparación con el proletariado de los países capitalistas) y su nivel educacional relativamente bajo (en comparación con la burguesía), el proletariado chino ha llegado a ser la fuerza motriz más fundamental de la revolución china. Sin su dirección, la revolución china de ningún modo podría triunfar. (MAO TSE TUNG, 1938: 94-95).*

Lamentavelmente, e a pesar das afirmações de que o proletariado dirigiu a revolução na China, não contamos com estudos que expliquem concretamente como se deu, como foi nos fatos.

A partir dos extratos expostos, é possível concluir que o maoísmo, inserto no campo do marxismo-leninismo, foi um conjunto de conclusões feitas por quem se propus construir a primeira socialista num país oprimido. A preocupação residia em como garantir a hegemonia da linha proletária num país onde o principal da população era ainda camponesa e o país, como já sinalamos, contava com parte do seu território ocupado por países estrangeiros que apesar do

desenvolvimento capitalista nas regiões que controlavam permitiam e garantiam a coexistência de formas feudais de produção . Em virtude do objetivo de contribuir à revolução proletária mundial, estudou as condições próprias do país a onde queria devia librar essa luta de classes para leva-la ao triunfo. Daí, as decisões tomadas e os caminhos escolhidos se corresponderam (exitosamente ou não) com essa preocupação. Mas nem por isso viram leis gerais. A aliança entre operários e camponeses é um problema clássico do marxismo desde os seus inícios. A forma que assume depende da situação concreta do país no qual se esteja. Mas em nenhuma revolução socialista triunfante do século XX, foram os camponeses quem dirigiram o processo embora fossem maioria. Essa rápida e errada conclusão, foi feita por vários dos que admiraram a experiência chinesa. Por isso citamos quando dirigentes de VC foram à China e os próprios dirigentes do PCCh questionaram o seu trabalho dentre o proletariado. Pelo contrário, Otto Vargas disse que “cuando conocimos a los chinos, cuando tuvimos reuniones en el año ´72, ellos, la dirección del PCCh, nos dijo que coincidía con la caracterización que hacíamos sobre la revolución argentina” (ANDRADE, 2005:51)

O marxismo é uma teoria internacionalista, que tendo formulado leis gerais do desenvolvimento social e tendo estudado como superar certas contradições atuais, deu ferramentas para pensar e formular o caminho a seguir em cada caso. As várias experiências feitas pelo proletariado (as que triunfaram e as derrotadas) foram enriquecendo aquele esboço inicial. Assim como o leninismo não pode ser entendido como a necessidade de recriar as condições que possibilitaram a revolução russa, o maoísmo também não deveria ser entendido como a aplicação mecânica dos princípios da revolução chinesa em outros países. De cada uma delas, deveria tanto o historiador como o lutador, diferenciar o que é o geral e o que é o particular. Nesse sentido, entendemos por um lado que o rol dos camponeses foi mau lido no caso chinês (entendendo-o como o fundamental) e que a Guerra Popular Prolongada com base rural e o caminho de cercar as cidades desde ai, se bem foi um grande aporte aos países com uma composição similar, não forma parte das características generalizáveis do maoísmo como teoria. Uma má leitura por parte do militante levará a uma prática política errada, infértil. Uma má ou apressurada leitura do historiador cometerá o erro de tentar entender às organizações e as suas posições e acionar, só olhando definições gerais e alinhamentos internacionais.

Vanguardia Comunista e o Partido Comunista Revolucionario foram fazendo esse aprendizado enquanto se envolviam na luta de classes e sacavam conclusões sobre os erros e os acertos. Fica pendente precisar o dialogo entre teoria e prática dessas organizações.

### **Bibliografia**

GORDILLO, M, “Movimientos sociales e identidades colectivas: repensando el ciclo de la protesta obrera cordobés de 1969-1971”, en Desarrollo Económico, vol. 39, nro, 155, 1999

--- Córdoba en los ´60. La experiencia del sindicalismo combativo, Colección Manuales de Cátedra, Dirección General de Publicaciones de la Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba, 1996.

FLORES, G, Sitrac-Sitram, del Cordobazo al Clasismo, Ediciones Magenta, 1994

BRENNAN, J y GORDILLO, M, Córdoba Rebelde: el Cordobazo, el clasismo y la movilización social, De la Campana, La Plata, 2008

VOLKIND, P, RUPAR, B et al, El clasismo cordobés: el caso del SMATA Córdoba 1972-1974, ponencia presentada en las IV Jornadas de Trabajo de Historia Reciente. Rosario, 2008.

DUVAL, N, Los sindicatos clasistas SITRAC (1970-1971), CEAL, Buenos Aires ,1988

POZZI, P y SCHNEIDER, A, Los setentistas: izquierda y clase obrera (1969-1976), Eudeba, Buenos Aires, 2000.

RUPAR, B Acumulación y radicalización obrera: Industrialización dependiente, concentración monopolista y conflicto social en el marco de la “Revolución Argentina”, em GALAFASSI, Guido (comp); Apuntes de acumulación. Capital, Estado, procesos socio-históricos de (re)producción y conflictividad social, Theomai Libros. Ediciones Extramuros, Quilmes, 2014.

RUPAR, B y NASSIF, S, Aproximación al estudio de las luchas de la clase obrera a fines de los ´60s y principios de los ´70, em MATEU, CRISTINA (org), Momentos y aspectos de la lucha política y sindical de la clase obrera argentina. Em prensa desde 2013. Ed La Marea

### **Fontes**

MAO TSE TUNG, La revolución China y el PCCh (dic de 1939), “Obras”, tomo 5, Ed La Paloma, Bs As, 1973

---- Sobre la dictadura democrática popular (30/6/1949), “Obras”, tomo 9, Ed de la Paloma, Bs As, 1974

---- Problemas de la guerra y de la estrategia (6 /11/ 1938), “Obras”, tomo 8, Ed de la Paloma, Bs As, 1974

SEMÁN, E., El Partido Marxista Leninista y el guerrillerismo, Ed No Transar, 1964. Usamos versión editada por El Topo Blindado, Buenos Aires, 2013.



SOTO, A., Vidas y Luchas de Vanguardia Comunista, Tomo I, Nuevos Tiempos, Buenos Aires, 2004

AAVV, Cuadernos Rojos, N2, CC de Vanguardia Comunista, Mimeo, setiembre 1970

AAVV, Derrotemos al Revisionismo Ed. No Transar, Bs As, 1964

AAVV, Partido Vanguardia Comunista, Denunciamos el falso comunismo de Codovilla, Ed. No Transar, Bs As, 1965.

AAVV, Partido Vanguardia Comunista, Proyecto de Resolución sobre construcción del Partido. Vanguardia Comunista en marcha hacia la constitución del Partido Comunista Revolucionario, 1969

AAVV, Partido de la Liberación, Breve historia del Partido de la Liberación, documento aprobado por el Comité Central del Partido de la Liberación en su XVII reunión plenaria, 8 y 9 de julio de 1995.

Vargas, O., Por qué no se quiere discutir?, (dic de 1967), “ Documentos aprobados desde la ruptura con el PC revisionista hasta el 1º Congreso del PCR (1967/1969)”, Publicaciones 35º aniversario del PCR, Tomo 1, 2003.

PCR, Declaración Constitutiva del Comité Nacional de Recuperación Revolucionaria del Partido Comunista Argentino ( enero 1968), “ Documentos aprobados desde la ruptura con el PC revisionista hasta el 1º Congreso del PCR (1967/1969)”, Publicaciones 35º aniversario del PCR, Tomo 1, 2003

--- Tesis para el XIII Congreso (nov 1968), “Documentos aprobados desde la ruptura con el PC revisionista hasta el 1º Congreso del PCR (1967/1969)”, Publicaciones 35º aniversario del PCR, Tomo 1, 2003.

--- Documento preparatorio de la conferencia permanente del PCR (20/3/1969), “Documentos aprobados desde la ruptura con el PC revisionista hasta el 1º Congreso del PCR (1967/1969)”, Publicaciones 35º aniversario del PCR, Tomo 1, 2003.

--- Conferencia Permanente del PCR de marzo de 1971, “Documentos aprobados por el PCR desde su 1º Congreso, diciembre de 1969, hasta su 2º Congreso, abril de 1972”, Publicaciones 35º aniversario del PCR, Tomo 2, 2005,

--- Documentos aprobados por el Segundo Congreso del PCR, “Documentos aprobados por el PCR desde su 1º Congreso, diciembre de 1969, hasta su 2º Congreso, abril de 1972”, Publicaciones 35º aniversario del PCR, Tomo 2, 2005.

ANDRADE, M., Para una historia del maoísmo argentino: entrevista con Otto Vargas, Imago Mundi, Buenos Aires, 2005